

O ROMEIRO

Movimento de Romeiros de São Miguel

www.mromeirosm.pt

DEZEMBRO 2020

7 - REUNIÃO DO GRUPO COORDENADOR



A LIBERDADE DE ACREDITAR

No nosso mundo ocidental reina cada vez mais a indiferença em relação a Deus, em quem acreditam minorias cristãs ou pertencentes às outras religiões monoteístas, ao ponto de se falar de um tempo não só secularizado, mas pós-cristão.

Até ao Iluminismo, não se colocava em dúvida a existência de Deus, que era considerado necessário quase por todos. A viragem da modernidade ocorre precisamente quando a afirmação da existência de Deus deixa de se impor como necessária.

Primeiro a ciência, depois a filosofia, e portanto a política, reivindicaram a liberdade e a autonomia da religião, e assim o homem moderno aprendeu a viver sem Deus, a pensar e a viver na ausência de Deus, «como se Deus não existisse». Neste processo histórico concreto, Deus perdeu pouco a pouco o seu «ser para a humanidade e para o mundo».

Podemos, todavia, afirmar que o «desaparecimento» de Deus tem um sentido para a própria fé: o ser humano libertou-se de Deus e do medo de Deus, conquistando a sua liberdade perante Ele. Este fenómeno de incredulidade e de ateísmo, por agora, só se desenvolveu no mundo cristão, e isso tem um significado: é um efeito do espírito do Evangelho, que ensina esta liberdade e permite ao ser humano aproximar-se de Deus em plena gratuidade.

A modernidade pode, assim, ser lida também como insurreição do Evangelho contra a religião, porque Deus quer o homem livre, e porque nada nos obriga a acreditar num Deus que se revelou na cruz em Jesus Cristo, na humildade e na pobreza humana. Um Deus sobre a cruz não nos ameaça, mas deixa-nos a liberdade de crer e de não crer, enquanto outras imagens de Deus, forjadas por crentes nele, durante muito tempo o tornaram perverso, vingativo, fazendo dele um dominador onipotente que reclamava glória e honra.

Deus é, antes, a suprema gratuidade que nos abre o espaço infinito da liberdade, e a busca por Ele que nós realizamos é sempre uma busca de humanidade. A fé cristã refuta garantias, enquanto a religião as oferece. Por isso, acreditar em Jesus Cristo é um ato de liberdade, por isso a fé não é alienação, mas é uma convicção que ajuda os humanos a encontrar sentido na vida, desenvolvendo relações de fraternidade, praticando a solidariedade com os outros, sobretudo com os últimos e os mais frágeis.

A Igreja, hoje, lamenta-se muitas vezes do desvanecimento da fé em Deus, e atribui esse processo ao ser humano orgulhoso e idólatra de si mesmo. A meu ver, deveria, em vez disso, refletir sobre o facto de na modernidade ter deixado o ser humano só, depois de o ter exaurido com um excesso de intransigência e de autoritarismo.

Enzo Bianchi in *É novo*
24.12.2019

PORQUÊ?

Muitos têm sido os que sabiamente e/ou eloquentemente têm dissertado sobre o Pai-nosso. Venho apenas partilhar convosco uma reflexão resultante de uma simples pergunta: porquê Jesus o Cristo nos propôs especificamente esta Oração (cf. Mateus 6: 9-13 e Lucas 11: 2-4). Em ambos os Evangelhos os versículos que antecedem as passagens em causa são uma introdução às mesmas, sendo de extraordinária importância, carregadas de significado e extremamente elucidativas da dimensão da Oração que Jesus nos ensina, não se tratando por isso de mais uma fórmula para orar ou rezar mas sim de uma oração que pode mudar por completo a nossa relação com Deus e conosco Homens. Com efeito, no Evangelho segundo Mateus, Jesus explica como não se deve rezar e ensina como deve ser este momento Vital na nossa vida: «Quando orardes, não sejas como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te. Nas vossas orações, não sejas como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes.» (Mt 6: 5-8). Já Lucas refere que a forma como Jesus o faz (orar) encanta os discípulos, por ser diferente e transmitir algo de diferente: «Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: «Senhor, ensina-nos a orar, como João [Baptista, primo de Jesus] também ensinou os seus discípulos.»» (Lc 11: 1).

Percebemos destas duas introduções ou destes versículos, tanto em Mateus como em Lucas, que se não orarmos não temos, nem desenvolvemos intimidade com Deus e conseqüentemente com os irmãos. Mas voltemos à pergunta inicial: porquê esta oração: ⁹Reza, pois, assim: 'Pai nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome, ¹⁰venha o teu Reino; faça-se a tua vontade, como no Céu, assim também na terra. ¹¹Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia; ¹²perdoa as nossas ofensas, como nós perdoámos a quem nos tem ofendido; ¹³e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do Mal.' (Mt 6: 9-13).

A oração que Jesus nos ensinou é de um pedagogo e teólogo único que só podia ser Deus mas um Deus que nos ama de forma imensurável e que nos é sempre fiel (cf. Sl 117). Não se trata de uma oração de adoração passiva a Deus ou de pedidos a Deus mas de compromissos de comportamentos meus, em comunhão com os meus irmãos (Seus filhos), que me leva, que nos leva, a atingir o sonho que o SENHOR (Deus Pai; Deus Filho; Deus Espírito Santo) tem para nós; sermos felizes Nele e não



PAULO BORGES,
MESTRE DO ROSÁRIO-LAGOA

no maléfico (Satanás/Diabo) ou no egoísmo, na avareza, em solidão, miseráveis e amargurados com os outros e conosco.

Jesus ensinou-nos a rezar com uma única finalidade - sermos felizes. Quando se lê, ou escuta, a oração do Senhor Jesus nos propõe podemos ser tentados a dividi-la em duas partes: uma dedicada a Deus (Mt 6: 9-10) e outra a nós Homens (Mt 6: 11-13), à semelhança dos 10 mandamentos (Ex 20: 1-17; Dt 5: 6-21) e portanto graficamente teríamos um T invertido (o eixo vertical a nossa relação com Deus; o eixo horizontal a nossa relação com os Homens), porém, tal como Jesus disse Ele não veio revogar a Lei mas levá-la à perfeição (Mt 5: 17; 18-48), e o mesmo Jesus quando interrogado sobre qual o maior mandamento da Lei disse «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.» (Mt 22: 36-40). Assim, não há uma relação vertical e outra horizontal mas sim uma relação circular, continua, sem princípio e sem fim, graficamente a oração do Senhor Jesus passa a ser um círculo, sinónimo de perfeição. Jesus revela-nos que não pode haver separação entre Deus e o Homem, e não há desde o batismo de Jesus quando o céu se rasgou e desceu o Espírito que é Santo sob a forma de uma pomba (Mt 3:16-17). Ou seja, a nossa relação com Deus deve ser idêntica à que devemos ter com o Homem, não havendo necessidade de interlocutores, e se cairmos na tentação de separarmos as 'coisas de Deus' e 'as dos Homens', o sonho que Deus tem para nós não se concretiza(rá).

Deus é Santificado em nós quando nós somos Felizes na Sua Santidade (cf. J. Piper).